

UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A IMAGEM CINEMATOGRÁFICA HÍBRIDA

GRAZIELE MÔNICA CARDozo¹; **RODRIGO M. DA SILVA DE MATOS²**;
GUILHERME CARVALHO DA ROSA (orientador)³

¹*Universidade Federal de Pelotas – grazi.cardozzo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rod.matos94@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – guilhermecarvalhodarosa@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A linguagem cinematográfica pode ser assumidamente ficcional ou documental. Em princípio, são possíveis esses dois tipos de fazer cinema bem delimitados por suas estéticas e pela própria questão do dispositivo que propõem. Porém, na contemporaneidade, alguns cineastas passaram a desfazer o limite existente entre uma estilística e outra. Com a imagem sendo exposta de forma menos clara quanto a estas delimitações, o espectador passou a ter não só que decifrá-la enquanto conteúdo, mas também como procedência. A imagem que inicialmente se dizia ficcional, agora pode se revelar documental ao longo da narrativa mudando a relação fenomenológica com aquele que assiste. Por fenomenologia, a pesquisa se ampara no conceito criado por Maurice Merleau-Ponty (1999), o qual entende o corpo vivido – aqui colocado como espectador e também sujeito político – como aquele que está no mundo exterior em constante relação com as pessoas, coisas e imagens, sendo atravessando por elas, tanto quanto as atravessa. A forma como essa imagem híbrida atinge o espectador implica uma atitude política, partindo da explicação de Jean-Louis Comolli:

Política é o que fabrica vestígio e a cena da relação dos corpos singulares e dos sujeitos quaisquer (o corpo intérprete, o corpo espectador); política é a cena em que se faz-desfaz a relação do indivíduo com o grupo (é o motivo narrativo que prevalece no cinema); como é política também a relação, frágil, que se estabelece entre o isolamento do espectador na sessão de cinema e a implicação fora da sala, do sujeito na arena social (2008, p.13).

Dito isto, percebe-se a responsabilidade que uma imagem possui ao infligir no privado algo que pode vir a ser exposto no público pelo sujeito social. Em tal acepção, ao vislumbrar como uma imagem híbrida pode exercer uma relação fenomenológica diferente da que tínhamos conhecimento até então pelas ficções e pelos documentários separadamente. A pesquisa objetiva buscar essa outra relação, para entendê-la em sua concepção fenomenológica e o que dela atinge o espectador.

Essa imagem aparece tendo seu hibridismo latente na obra *Olmo e a Gaivota* (Petra Costa e Lea Glob, 2015), que traz em si questionamentos contemporâneos tanto em sua narrativa, quanto na sua linguagem. Ao decidir focar na solidão e contradições de uma mulher grávida, as diretoras trazem as experiências de Olivia Corsini para a tela, com questões sobre o corpo da mulher que nunca antes haviam sido exploradas de tal forma no cinema. Ao se utilizar dos dispositivos ficcional e documental, a estética de *Olmo e a Gaivota* chama a atenção, fazendo com que o incomodo da situação exposta seja tão latente quanto as incertezas geradas pelo hibridismo de suas imagens. Em uma junção de tema e estilo, Petra Costa e Lea Glob trazem para esta pesquisa a *urgência*

(COMOLLI, Idem, p.22) de escrever sobre a sua obra, tentando responder às questões surgidas na experiência de espectadora.

Desta forma, o filme de Petra Costa e Lea Glob passa a ser estudado por sua linguagem mista de cotidiano narrado com texto onírico e documentário de observação. A encenação que é apresentada pelos protagonistas Olivia Corsini e Sergei Nicolai envolve o espectador com as angustias da gravidez até a voz de Petra Costa entrar em cena e modificar o *punctum* (BARTHES, 2011) da imagem. Essa modificação acaba por dotar a solidão de Olivia de um campo cego que se aproxima do espectador mais do que a narração poética da atriz/personagem. A imagem que até então parecia ser facilmente nomeada, passa a exigir um olhar que a decifre e que, por consequência, acaba por “ferir” o espectador. Quando os atores falam com a câmera, denunciam a sua invasão na intimidade do casal, ao mesmo tempo em que se despem da atuação própria de quem posa para a máquina (BARTHES, idem). Enquanto que, na mesma narrativa, voltam à representação de si mesmos, intencionalmente provocada pelas cineastas.

Assim sendo, o hibridismo de *Olmo e a Gaivota* é utilizado e analisado para pensar a fenomenologia da imagem cinematográfica. Com isso, a pesquisa visa promover questionamentos sobre como a imagem pode modificar seu sentido e sua potência ao jogar com os limites das linguagens ficcional e documental através de uma postura e estilo contemporâneo que mais instiga o corpo vivido do que se faz entender.

2. METODOLOGIA

Para a seguinte pesquisa foi escolhida a intuição como método de Bergson, pensada por Deleuze (1999). A dita metodologia tem por essência ser *problematizante, diferenciante e temporalizante* (DELEUZE, idem, p. 26), valorizando o processo e as experiências dele oriundas, mais do que os resultados em si. Tomando-a como norteadora deste projeto, o tema eleito deverá ser analisado primeiramente por sua natureza, ou seja, pelo seu estilo, percebendo como o mesmo afeta as percepções do “corpo-spectador”. Esse estilo se ampara na conceituação de Bordwell (2013), sendo a junção de linguagem e estética. Para entender as intersecções pelas quais se dá o hibridismo no cinema contemporâneo, o estilo será pensado junto à proposta de dispositivo (AGAMBEN, 2009) que o mesmo apresenta, percebendo como tais intersecções geram força política (COMOLLI, 2008).

Partindo da diferenciação das linguagens ficcional e documental para entender como seu hibridismo possui uma outra potência, que não a das já citadas linguagens em seus limites, busca-se analisar no filme *Olmo e a Gaivota* como a duração (DELEUZE, idem, p. 22) e a intersecção de tais linguagens preenchem a obra, tanto quanto seu conteúdo narrativo. Ao conseguir definir claramente o que é e como se dá essa imagem híbrida, a pesquisa tende a pensar a relação fenomenológica da mesma com o espectador (MERLEAU-PONTY, 1999). Ou seja, como a imagem que modifica o discurso da sua procedência passa a atingir (BARTHES, 2011) o corpo vivido que lhe recebe, verificando as questões da sua atenção e percepção (CRARY, 2013).

A experiência de espectadora que levou a este projeto de pesquisa possui marcas muito voltadas para o estilo pelo qual o filme *Olmo e a Gaivota* se constitui. Tendo essa obra como objeto específico, todo o aporte teórico trazido deverá ser utilizado para analisar a imagem do filme, e o que a mesma causa no espectador. Com isso, as cenas que serão escolhidas devem partir muito dessa junção feita por Bordwell de linguagem e estética e, principalmente, das camadas

expostas nelas. A montagem e o extra-diegético serão fatores importantes para a escolha, sendo priorizadas as cenas que expõem o documentário em meio a um estilo de ficção. Ao tentar perceber as nuances dos corpos que em frente à câmera representam a si mesmos, deverão ser escolhidas cenas que deixam expostas as sutis mudanças dos atores em resposta a interferência das diretoras. Após eleitas as cenas que deixaram suas marcas mais perceptíveis, elas servirão como corpo de análise para aplicar a teoria pensada sobre a relação fenomenológica de suas imagens.

Serão utilizados Comolli para pensar o espectador como sujeito político, e Merleau-Ponty para pensar esse sujeito como corpo vivido. A partir da conceituação de corpo vivido, a pesquisa pretende chamar a imagem híbrida também de corpo vivido. Usando a fenomenologia, assim, para pensar além de uma relação imagem-spectador, em uma possível relação corpo-corpo. Desta forma, seguindo um caminhar intuitivo, cartográfico e deleuziano no fazer da pesquisa, as experiências geradas pelas imagens analisadas e pelas teorias estudadas deverão ser valorizadas *a priori*. Ao utilizar os autores citados ao longo da escrita, para responder aos questionamentos aqui já apresentados – deixando a pesquisa aberta para novos problemas que possam surgir – almeja-se abranger as questões estilísticas e fenomenológicas que a imagem cinematográfica híbrida pode inferir tanto como forma, quanto conteúdo, tratando-a como corpo próprio, assim como o corpo vivido do espectador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando nos apontamentos levantados ao decorrer desta escrita, o seguinte projeto se propõe fazer uma observação do documentário de Petra Costa e Lea Glob: *Olmo e a Gaivota*, priorizando a relação de algumas cenas do filme com o espectador. Deduz-se do filme a forma como este deixa estar o espectador – que nada sabe sobre o mesmo antes de assisti-lo – envolto na obra por uma imagem que inicialmente se apresenta ficcional e ainda onírica, até que a mesma se mostra documental. A partir de tal revelação, o estilo se modifica e, empiricamente, modifica-se também a relação do espectador com a obra.

A partir das citadas convicções, este projeto é norteado pela crença na transformação da relação do espectador com a obra, pois se defende que o sujeito passa a ser atingido pela imagem – que se expõe – de forma mais profunda e sensível. Comolli (idem, p.15) observa que “o espectador quer o ‘verdadeiro’, a ‘realidade’. Ele, que se vangloria de não mais crer, quer que os outros creiam”. Logo, essa imagem que se dá a crer ficcional e depois se releva documental traz em si a dúvida que vai para o espectador, enclausurando sua crença na imagem que se utiliza da sua percepção para lhe iludir, ao mesmo tempo em que lhe intriga. Acreditando nessa imagem como proveniente de uma força política, ao mudar a relação de si com o espectador, passa-se a imaginar o quanto essa força também muda, tanto esteticamente como precursora de sentimentos e percepções.

Com isso, a seguinte pesquisa projeta que o hibridismo da imagem cinematográfica apresentada pela obra *Olmo e a Gaivota* cria uma terceira potência ao jogar com as potências próprias da ficção e do documentário dentro de uma mesma proposição de experiência. Por colocar o espectador como corpo vivido e sujeito político em relação a essa imagem, entende-se que a percepção do mesmo é atingida pela latência de um estilo ainda desconhecido e que por ser desconhecido, “punge” o espectador em suas incertezas. Os dispositivos são levados aos seus extremos, assim como as certezas que o sujeito espectador traz

para a sala escura, antes de começar a ser atravessado pela experiência que essa outra imagem propõe.

Pensando, então, na relação fenomenológica imagem-spectador, ao entender o espectador como corpo vivido definido por Merleau-Ponty, passa-se a pensar na imagem por si mesma. Este projeto pretende propor essa imagem, que é constituída por camadas – algumas expostas desde o começo, outras que se mostram ao longo da narrativa para mudar o seu sentido, e ainda outras que se mantêm escondidas, mas nem por isso são menos latentes – como um corpo vivido por si só. Com tal dedução sendo embasada e defendida, a relação imagem-spectador passaria a ser considerada, à guisa de observação da investigação, como uma relação corpo-corpo, onde a percepção da imagem passa a ser considerada de forma igual à do sujeito.

4. CONCLUSÕES

Com isso, a pesquisa visa discorrer sobre a imagem cinematográfica híbrida, buscando entender como esse hibridismo se dá, a potência criada pela intersecção das linguagens ficcional e documental e, principalmente, como essa imagem híbrida atravessa o espectador.

Ao tratar o espectador como corpo vivido e sujeito político, e a imagem cinematográfica híbrida como precursora de força política e também corpo vivido, a percepção da imagem passa a ser igualada a do espectador, considerando todas as suas camadas. Assim, a experiência fenomenológica de espectador transpõe a relação imagem-corpo, para a relação corpo-corpo. Por fim, os atravessamentos seriam mútuos e proponentes de experiências nos dois agentes das mesmas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que é ser Contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Lisboa: Edições 70, 2006.
- BEDIN, L. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar.** Revista Digital do LAV. Santa Maria. Vol.7, n.2, p.66-77. 2014.
- BORDWELL, D. **Sobre a história do estilo cinematográfico.** Campinas: UNICAMP, 2013.
- COELHO JÚNIOR, N. **Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência.** São Paulo: Editora Escuta, 1992.
- COMOLLI, J. **Ver e Poder: A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CRARY, J. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna.** São Paulo: Cosac & Naify, 2013.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo.** São Paulo: Editora 34, Coleção TRANS, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Editora Martins Fontes Editora Ltda, 1999.

6. REFERÊNCIAS FÍLMICAS

- Olmo e a Gaivota. Direção de Petra Costa e Lea Glob. Brasil, 2015. 82 min.